

A RELAÇÃO ENTRE A MEMÓRIA, A PERCEPÇÃO E A CONSCIÊNCIA NA METAPSIKOLOGIA FREUDIANA¹

(Relations among memory, perception, and consciousness in Freudian metapsychology)

Fátima Caropreso

Doutora em Filosofia pela UFSCar e Pós-Doutoranda em Filosofia na Unicamp

Resumo: O problema das relações entre memória, percepção e consciência surge, na obra de Freud, a partir do momento em que ele deixa de identificar o mental e o consciente. No *Projeto de uma psicologia* (1895), ele elabora uma primeira hipótese sobre essa relação, segundo a qual a memória sempre seria anterior à consciência. Contudo, pouco tempo depois, na carta a Fliess de 1o. de janeiro de 1896 (carta 39), ele propõe uma segunda hipótese, segundo a qual a consciência perceptiva seria anterior à memória. Na teoria do aparelho psíquico apresentada em *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud retoma e desenvolve a hipótese do *Projeto...*; contudo, a partir dos artigos metapsicológicos de 1915, a hipótese da carta 39 é retomada em alguns momentos e é ela que irá prevalecer a partir de 1919. O objetivo deste artigo é analisar como as relações entre a memória, a percepção e a consciência são pensadas por Freud nesses vários momentos de sua reflexão metapsicológica e quais as consequências para a teoria psicanalítica dessas diversas posições.

Palavras-chave: Freud – Metapsicologia – Memória – Consciência – Percepção.

Abstract: The problem of the relations among memory, perception and consciousness emerges, in Freud's works, since the very moment he stops identifying mind and consciousness. In the *Project for a psychology* (1895), he puts forward a first hypothesis about this relation, according to which memory would always be prior to consciousness. However, shortly afterward, in the letter to Fliess from January 1st. 1896 (letter 39), he proposes a second hypothesis, according to which perceptive consciousness would be prior to memory. In the theory of the psychic apparatus presented in *The interpretation of dreams* (1900), Freud returns to the *Project's* hypothesis and develops it. Notwithstanding, from the 1915 metapsychological papers on, the hypothesis proposed in the letter 39 is sometimes adopted again and it is the one which will prevail from 1919 on. This paper aims at discussing how the relations among memory, perception and consciousness are conceived by Freud in these different moments of his metapsychological thinking and what consequences to the psychoanalytic theory follow from these changing views.

Keywords: Freud – Metapsychology – Memory – Consciousness – Perception.

A metapsicologia freudiana, desde o início, teve como problema central a formulação de uma teoria sobre a memória e sua relação com a consciência e a percepção. As várias versões dos “aparelhos” freudianos – o “aparelho de linguagem”, o “aparelho neuronal” e as duas versões do “aparelho psíquico” – são, sobretudo, teorias sobre a memória. Este papel central que a memória possui na teoria freudiana parece se dever, entre outros motivos, à necessidade encontrada de repensar a sua relação com a consciência e a percepção. A partir do momento em que Freud desvincula as noções

de psíquico e de consciência, propondo a independência dos processos representacionais que constituem a memória em relação à consciência, surge o problema de esclarecer a relação entre ambas. Freud, contudo, não chega rapidamente a uma solução; ele parece, ao longo de grande parte de sua obra, oscilar entre duas concepções diferentes: uma que sustenta a anterioridade da memória em relação à consciência e outra que sustenta a relação inversa. O objetivo deste artigo é analisar como a relação entre a memória, a percepção e a consciência é

pensada por Freud em seus textos metapsicológicos.

A Gênese da Teoria Freudiana Sobre a Memória

Em “Sobre a concepção das afasias” (1891), texto que, como afirma Simanke (2005), pode ser considerado o passo inaugural da metapsicologia freudiana, encontramos a gênese da teoria de Freud sobre a memória. A crítica por ele empreendida em 1891 às teorias localizacionistas sobre as afasias, acaba levando-o a repensar a estrutura e o funcionamento das representações. Em oposição às teorias localizacionistas criticadas, Freud formula a hipótese de que os estímulos sensoriais que incidem sobre a periferia do sistema nervoso, sofrem, ao longo de seu percurso da medula ao córtex, uma série de reorganizações, de maneira que aquela informação que chegasse ao córtex teria uma relação muito indireta com a que incidiu sobre a periferia nervosa. No córtex, a informação sensorial seria envolvida em uma série de processos associativos, que consistiria no correlato neurológico das representações. Ele defende, em 1891, que algo simples do ponto de vista psicológico corresponda sempre a algo complexo do ponto de vista neurológico: o correlato neural de uma representação seria sempre um processo associativo, que consistiria na última etapa de uma série de reorganizações sucessivas que a informação sensorial sofreria desde o seu ingresso na medula. Essa hipótese desenvolvida por Freud de que os correlatos das representações não possuem uma relação simples com a informação sensorial proveniente do mundo externo é a primeira inovação de Freud em relação às teorias neurológicas criticadas. Outra hipótese importante para o tema em foco introduzida nesse momento é a da “sobre-associação”.

A partir da análise de como as funções da linguagem são prejudicadas nas afasias,

Freud conclui que as aquisições lingüísticas envolvem todas a mesma área cortical, que os processos associativos responsáveis pela linguagem se sobrepõem uns aos outros, isto é, se sobre-associam. O conjunto dos processos associativos e sobre-associativos relativos à linguagem constituiria o que Freud chama de “aparelho de linguagem”. Esse aparelho consistiria, então, em uma série de processos corticais associativos, os quais seriam os concomitantes neurológicos das “representações-palavra”. Freud sustenta, em “Sobre a concepção das afasias”, a “doutrina da concomitância”, defendida pelo neurologista inglês Hughlings Jackson, segundo a qual todo fenômeno mental ocorreria paralelamente a um processo nervoso, mas não haveria interferência de um sobre o outro, ou seja, não haveria relação causal entre a série psíquica e a neural. Seguindo também os passos de Jackson, Freud mantém, em 1891, a identificação do psíquico ao consciente: todo o psíquico – portanto, toda representação, fosse ela produzida por estímulos externos ou internos – seria necessariamente consciente. O processo cortical associativo deixaria atrás de si, diz Freud, uma modificação permanente, que representaria a possibilidade de uma recordação. Contudo, essa modificação seria um fato puramente neurológico, de forma que não seria possível se falar em uma “imagem latente de recordação”. A recordação seria necessariamente consciente:

É muito duvidoso que essa modificação esteja de algum modo associada com algo psíquico. Nossa consciência não contém nada que possa justificar, do ponto de vista psicológico, o termo “imagem latente de recordação”. No entanto, cada vez que o mesmo processo cortical volta a ser suscitado, o psíquico emerge novamente como imagem de recordação. (Freud 1891, p.99)

Nesse momento, portanto, ainda não se coloca, para Freud, o problema da relação entre a memória e a consciência; enquanto fato psíquico, a memória seria

necessariamente consciente. A relação entre a percepção, a memória e a consciência apenas se torna um problema a partir do momento em que Freud desvincula as noções de psíquico e de consciência. Podemos considerar que essa questão se coloca a partir do “Projeto de uma psicologia” (1895), texto em que a idéia de um psíquico inconsciente é, pela primeira vez, explicitamente tematizada por Freud.

Primeira Fase: A Memória é Anterior à Consciência

No “Projeto de uma psicologia”, texto escrito por Freud em 1895 e publicado postumamente em 1950, Freud abandona a identificação entre o psíquico e o consciente. Na seguinte passagem, ele afirma a existência de processos psíquicos inconscientes:

Temos tratado os processos psíquicos como algo que possa prescindir do conhecimento dado pela consciência, existindo independentemente de tal consciência (...) Se não nos deixarmos desconcertar por tal fato, segue-se desse pressuposto que a consciência não proporciona nem conhecimento completo, nem seguro dos processos neurônicos; cabe considerá-los em primeiro lugar e em toda a extensão como inconscientes e cabe inferi-los como as outras coisas naturais. (Freud 1895/1950, p. 400)

Para incorporar a noção de psíquico inconsciente em sua teoria, Freud passa, no “Projeto...”, a identificar a representação ao processo cortical associativo que em 1891 era pensado como consistindo no concomitante neurológico da representação. Esse processo associativo passa a ser a própria representação e a consciência passa a ser concebida como o lado subjetivo de uma parte dos processos associativos, que constituiriam o psíquico inconsciente. Freud parece ter deslocado o paralelismo que, em 1891, ele supunha existir entre o neurológico e o psíquico para entre o psíquico inconsciente e a consciência.

No “Projeto...”, é formulada a hipótese de um aparelho neuronal que seria composto por três sistemas: o sistema de percepção ϕ , o sistema de memória ψ , e o sistema responsável pela produção de qualidades sensoriais – o sistema ω . O sistema ϕ seria aquele que receberia a excitação de origem exógena. Após percorrer esse sistema, a excitação prosseguiria para o sistema ψ , no qual se constituiriam as representações. Freud divide o sistema ψ em dois: ψ do manto, que estaria ligado ao sistema ϕ , e ψ do núcleo, que estaria em conexão com o interior do corpo. Tanto os processos incitados por estimulação de origem exógena quanto aqueles incitados por excitação de origem endógena só se tornariam conscientes depois de passarem pelo sistema ψ e alcançarem o sistema ω . Portanto, a constituição da representação antecederia o tornar-se consciente e estaria em aberto a possibilidade de que um processo não chegasse a se tornar consciente – isto é, a consciência passa a ser pensada como algo que pode ou não vir a se acrescentar a uma representação. Esta passa a ser pensada como um fato de memória anterior e independente da consciência.

Com os conceitos de “neurônio”, “quantidade”, “barreira de contato” e “facilitação”, formulados no “Projeto...”, Freud especifica como seria possível a constituição de traços permanentes no aparelho, ou seja, especifica as condições que tornariam possível a memória. Contudo, a possibilidade do surgimento da consciência torna-se, já nesse momento, um problema para Freud. Ele tenta estabelecer também as condições que tornariam possível o surgimento da consciência, mas se depara com uma série de dificuldades e contradições, que permanecem insolúveis no texto do “Projeto...”.

Na carta a Fliess de 1^o de janeiro de 1896 (carta 39), Freud propõe algumas modificações na hipótese do aparelho elaborada em 1895, tendo em vista,

provavelmente, encontrar uma solução mais satisfatória para o problema da consciência e, em função disso, a relação entre os sistemas que compõem o aparelho é alterada. No “Projeto...”, a ordem dos sistemas era ϕ - ψ - ω , o que implicava na antecedência da representação em relação à consciência. Mesmo a estimulação proveniente do mundo externo teria que ser representada, ao passar pelo sistema de memória ψ , antes de poder tornar-se consciente. Em suma, a memória sempre precederia a consciência. Na carta 39, Freud altera a relação entre os sistemas, deslocando o sistema ω para entre os sistemas ϕ e ψ . Desse modo, a ordem dos sistemas passaria a ser: ϕ - ω - ψ . De acordo com essa nova versão, os processos de percepção se tornariam conscientes antes de produzirem efeitos em ψ ; no caso das percepções, a consciência antecederia a memória (isto é, a representação). Em relação aos processos incitados por estimulação de origem endógena, a representação continuaria sendo anterior à consciência, pois o sistema ψ estaria ligado ao interior do corpo. Freud argumenta, na carta 39, que essa modificação na ordenação dos sistemas apresenta uma série de vantagens; no entanto, pouco tempo depois, na carta a Fliess de 6 de dezembro de 1896 (carta 52), a primeira hipótese sobre a relação entre os sistemas – aquela apresentada no “Projeto...” – é retomada, e é essa versão que irá ser desenvolvida na primeira tópica psíquica, apresentada no capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos” (1900).

Como observa Laplanche(1981), na carta 52, Freud faz algumas conjecturas sobre a organização e a gênese do aparelho psíquico que podem ser consideradas como fazendo uma ponte entre o aparelho neuronal do “Projeto...” e o aparelho psíquico proposto em “A interpretação dos sonhos”. Ele propõe, nessa carta, que o mecanismo psíquico se forma por um processo de estratificação sucessiva, isto é, que os traços

mnêmicos são, de tempos em tempos, sujeitos a reordenações de acordo com novos nexos. Essas “retranscrições” dariam origem a diferenciações no sistema de memória, as quais representariam a operação psíquica de épocas sucessivas da vida. Na passagem de uma época para outra, ocorreria uma tradução do material mnêmico. Freud afirma que essa hipótese da retranscrição dos traços mnêmicos é o que haveria de novo em sua teoria:

O essencialmente novo em minha teoria é, então, a tese de que a memória não persiste de maneira simples, mas múltipla, está registrada em diversas variedades de signos. Em outro momento (afasias) afirmei um reordenamento semelhante para as vias que alcançam desde a periferia [do corpo o córtex cerebral]. (Freud 1896/1950, p.151)

Em “Sobre a concepção das afasias”, Freud havia proposto que a informação sensorial que alcançasse a medula seria sucessivamente reordenada, de acordo com princípios funcionais do sistema nervoso, ao longo de seu percurso em direção ao córtex. Ele propõe, agora, a ocorrência de um processo semelhante no nível cortical, isto é, na constituição dos traços mnêmicos. No entanto, esse processo de reorganização se daria ao longo do desenvolvimento do sujeito. Tendo em vista o “Projeto...”, pode-se dizer que Freud acrescenta diferenciações no interior do manto de ψ , as quais conteriam diversos reordenamentos dos mesmos traços mnêmicos e seriam governadas por princípios associativos distintos. Como essas várias transcrições seriam aquisições psíquicas de fases sucessivas da vida, o sistema de memória iria se complexificando, ao longo do desenvolvimento do sujeito, à medida que os traços mnêmicos fossem sendo retranscritos. Na carta 52, Freud argumenta que haveria no mínimo três tipos de transcrições no sistema de memória, as quais são representados no esquema como “Ps” (signos de percepção), “Icc” (inconsciência) e “Prcc” (pré-consciência).

Na carta 52, Freud situa o órgão responsável pela recepção dos estímulos sensoriais – o sistema de percepção P – e aquele responsável pela consciência em pólos opostos do esquema. Entre eles, situar-se-iam os sistemas de memória. A excitação sensorial que chegasse à P só se tornaria consciente após percorrer todos os sistemas de memória, isto é, após passar por sucessivas elaborações. Assim, aquilo que se tornasse consciente seria a última etapa de um longo processo de reorganização da informação sensorial proveniente do mundo externo e, portanto, seria algo que representaria os estímulos externos muito indiretamente. Com a suposição da estratificação da memória, torna-se, então, ainda mais complexa a relação entre a representação e os estímulos provenientes do mundo externo que incidem sobre a periferia do sistema nervoso. Todo conteúdo perceptivo só se tornaria consciente após percorrer todos os sistemas de memória e ser sucessivamente reorganizado. Como as representações seriam retranscritas, de acordo com novos princípios associativos, ao longo do desenvolvimento do sujeito, nossas recordações conscientes cada vez se tornariam mais distantes daquelas vivenciadas originariamente. Dessa forma, também a relação entre a recordação e a experiência originariamente vivenciada, assim como a relação entre a percepção consciente e os estímulos que chegam à periferia nervosa, torna-se mais mediata, menos direta.

Como se vê, na carta 52, a relação entre a percepção, a memória e a consciência volta a ser pensada de forma bastante semelhante ao “Projeto...”, e a hipótese desenvolvida na carta 39 não volta a ser mencionada: a memória novamente é situada entre a percepção e a consciência. No capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”, texto em que Freud apresenta sua primeira versão do aparelho psíquico, basicamente o mesmo esquema apresentado na carta 52 é retomado,

com a diferença de que, em 1900, Freud insere mais sistemas de memória entre o órgão de percepção (P) e o sistema inconsciente (Icc).

No esquema apresentado na seção B do capítulo 7, a consciência não está incluída; contudo, na seção F, Freud afirma que a “percepção-consciência” seria a operação psíquica de um sistema particular, ao qual ele atribui a designação abreviada Cc. Tal sistema se situaria imediatamente após o Pcc. Dessa forma, teríamos, em uma das extremidades do aparelho, o órgão responsável pela recepção dos estímulos exógenos (P), que estaria diretamente ligado aos sistemas de memória, e, na outra extremidade, teríamos o sistema Cc, que seria responsável pela produção de qualidades sensoriais e estaria conectado à motricidade (M):

De acordo com as idéias básicas de nosso ensaio esquemático, só podemos conceber essa percepção-consciência {*Bewusstseinswahrnehmung*} como a operação própria de um sistema particular para o qual é recomendável a designação abreviada Cc. (...). O aparelho psíquico, que, com o órgão sensorial dos sistemas P, está voltado em direção ao mundo exterior, é ele mesmo mundo exterior para o órgão sensorial da Cc, cuja justificação teleológica repousa nessa circunstância. (...) O material de excitações afluí desde dois lados ao órgão sensorial Cc: desde o sistema P, cuja excitação condicionada por qualidades provavelmente passa por um novo processamento antes de se converter em sensação consciente, e desde o interior do próprio aparato(...) . (Freud 1900, p.583)

Nesse momento, portanto, Freud mantém a hipótese de que todo conteúdo perceptivo passaria por uma série de reordenações, ao percorrer os vários sistemas de memória, antes de tornar consciente. Mesmo as percepções seriam reorganizadas e representadas antes de se tornarem conscientes. Embora Freud não represente no esquema da seção B a relação do aparelho com a estimulação de origem endógena, é possível inferir, a partir da maneira como ele

concebe as características dos processos do sistema inconsciente, que este sistema estaria em contato direto com o interior do corpo. Sendo assim, tanto os processos incitados por estímulos externos, quanto os processos incitados por estímulos provenientes do interior do corpo, ocorreriam no sentido que Freud chama de “progressivo”: o percurso da excitação exógena (P-Icc-Prcc-Cc) se daria no mesmo sentido que aquele da excitação endógena (Icc-Prcc-Cc).

A partir dessas hipóteses, Freud explica no capítulo 7 o mecanismo de formação do sonho, assim como a rememoração. O processo de constituição dos sonhos teria uma primeira etapa em sentido progressivo – do sistema Icc até o Prcc –, uma segunda etapa em sentido regressivo – do Prcc ao sistema P –, e uma última etapa novamente em sentido progressivo: de P até o sistema Cc. Nessa última etapa, o sonho se tornaria consciente após sofrer o processo de “elaboração secundária”, que se daria ao longo da passagem da excitação pelo sistema pré-consciente e consistiria em uma reorganização do conteúdo onírico de acordo com relações verbais. Não só o conteúdo onírico, mas todas as percepções sofreriam o processo de elaboração secundária antes de se tornarem conscientes. A rememoração comum teria uma primeira etapa em sentido regressivo – do sistema Prcc até o sistema P – e uma segunda etapa em sentido progressivo – de P até o sistema Cc.

Tendo em vista as hipóteses elaboradas por Freud até 1900 – o esquema do aparelho neuronal, o esquema da carta 39, o da carta 52 e, por fim, o aparelho psíquico no capítulo 7 –, podemos dizer que a idéia de que a memória é anterior à consciência prevalece, isto é, predomina a hipótese de que a excitação sensorial que chega ao órgão responsável pela percepção percorre os sistemas de memória e, portanto, é representada antes de se tornar consciente. Diante desse panorama, as idéias desenvolvidas por Freud na carta 39 se

configuram como uma exceção. Contudo, a partir dos artigos metapsicológicos, publicados por Freud entre os anos de 1915 e 1917, a relação entre a percepção, a memória e a consciência torna-se bem menos clara. Freud parece oscilar entre dois modelos: aquele do capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos” e um outro, semelhante ao da carta 39, segundo o qual a consciência da percepção antecederia a memória.

Segunda Fase: Oscilação Entre os Dois Modelos

Nos artigos metapsicológicos, apenas os sistemas Icc, Prcc e Cc continuam presentes na teoria freudiana; os demais sistemas de memória incluídos nos esquemas da carta 52 e do capítulo 7 entre P e Icc não voltam a ser mencionados. Freud manifesta, ao longo desses artigos, sua dúvida sobre a necessidade de diferenciar entre os sistemas Prcc e Cc. Apenas no texto “Complemento metapsicológico a doutrina dos sonhos” (1917), o penúltimo dessa série de artigos, ele conclui que é preciso distinguir entre esses dois sistemas. Nos artigos anteriores, Freud se refere ao “Cc ou Prcc” ou a qualquer um desses sistemas indistintamente. A relação entre os sistemas de memória e os órgãos da percepção e da motilidade parece ter-se tornado imprecisa nos artigos metapsicológicos: Freud oscila continuamente, como dissemos, entre duas hipóteses distintas. Em uma passagem do texto “O inconsciente” (1915), por exemplo, ele diz:

Nas raízes da atividade pulsional, os sistemas se comunicam entre si da maneira mais ampla. Uma parte dos processos aí excitados passa pelo Icc como por uma etapa preparatória e, na Cc, alcançam a conformação psíquica mais alta; outra parte é retida como Icc. Mas o Icc é alcançado também pelas vivências que provêm da percepção exterior. (Freud 1915, p.152)

De acordo com esta passagem, o sistema Icc estaria ligado tanto ao somático quanto ao sistema P, que receberia a

excitação de origem externa. A excitação exógena incidiria sobre P e deste seguiria para o Icc, para o Prcc e para Cc. De acordo com isso, todo processo pré-consciente, fosse ele incitado por excitação exógena ou endógena, teria uma etapa prévia inconsciente. Uma vez que o sistema Cc estaria ligado à via motora, os sistemas Icc, Prcc e Cc estariam situadas entre a percepção (P) e a motilidade (M), assim como no esquema do capítulo 7. No entanto, ainda nesse artigo sobre o inconsciente, Freud apresenta uma outra hipótese sobre a relação dos sistemas com P. Ele diz:

(...) nossa atividade psíquica se move seguindo dois circuitos contrapostos: ou avança desde as pulsões, através do sistema Icc, até o trabalho do pensamento consciente, ou uma incitação de fora atravessa o sistema da Cc e do Prcc até alcançar as ocupações icc do eu e dos objetos. (Freud 1915, p.162)

Nessa passagem, em oposição à afirmação anterior, Freud afirma que as excitações exógenas incidem diretamente sobre o sistema da consciência. A percepção se situaria ao lado da motricidade e do sistema Cc, no outro pólo da tópica. Nesse caso, os processos incitados no aparelho por excitação exógena e endógena ocorreriam ao longo de dois caminhos distintos; haveria, como diz Freud, dois circuitos contrapostos na atividade psíquica: o relativo aos processos induzidos por excitação endógena, que ocorreriam no sentido do Icc ao Cc, e os induzidos por excitação exógena, que se dariam na direção inversa. Essa segunda hipótese assemelha-se àquela da carta 39. Contudo, Freud não se atém por muito tempo a essa segunda hipótese. No texto “Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos” (1917[1915]), ele parece retomar a primeira hipótese. Ao se questionar sobre os destinos das moções de desejo que se formam no Prcc no processo de formação do sonho, ele diz:

A reflexão nos diz que poderia tramitar por três caminhos diferentes: ou pelo que seria normal

na vida de vigília, que parte do Prcc e se esforça por abrir passagem até a consciência; ou obter uma descarga motora direta se esquivando à Cc; ou tomar esse outro caminho inesperado que a observação nos faz seguir realmente (...) O processo iniciado dentro do Prcc e reforçado pelo Icc toma um caminho retrocedente através do Icc até chegar à percepção, que se impõe à consciência. (Freud 1917, p.183)

Novamente, a percepção é colocada ao lado do Icc, na extremidade oposta à da motilidade e da consciência. Nos artigos metapsicológicos, portanto, a questão da relação entre a percepção, a memória e consciência torna-se problemática. A oscilação que encontramos nas cartas a Fliess que mencionamos (carta 39 e 52) parece voltar a se manifestar. Freud situa a percepção ora em um, ora em outro dos extremos do aparelho. Quando distingue de fato entre os sistemas Prcc e Cc no texto “Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos”, ele passa a se referir ao sistema Cc (P), o que indica que a percepção e a consciência ou são pensadas, desde então, como constituindo um mesmo sistema ou como dois sistemas conectados. Com isso, fica claro que Freud não situa mais a percepção no extremo oposto ao que estaria situado o sistema Cc, como faz no capítulo 7, mas não sabemos se ele uniu as duas extremidades do aparelho – hipótese esta que ele propõe em 1919, como veremos – ou se ele apenas deslocou a percepção para o extremo oposto. No segundo caso, estaria sendo pressuposto que as percepções se tornariam conscientes antes de serem representadas, ou seja, que a consciência da percepção precederia a constituição da representação. No primeiro, tanto poderia ter sido mantida a hipótese anterior de que a informação sensorial percorreria todos os sistemas antes de se tornar consciente, quanto poderia estar sendo pressuposto que a consciência da percepção precederia a representação.

A união dos dois pólos do aparelho resolveria a questão da localização de P, pois colocaria tal sistema em ligação tanto com o sistema consciente e o pré-consciente, quanto com o inconsciente. Contudo, o percurso da excitação pelos sistemas continuaria indefinido, assim como a relação entre a consciência e a percepção. Esta se tornaria consciente imediatamente, uma vez que P e Cc seriam o mesmo sistema ou estariam ligados? Mas, nesse caso, a consciência precederia a representação? Parece não ser essa a hipótese de Freud, pois um pouco antes de estabelecer a separação entre o Prcc e o sistema Cc e de associar este último a P no texto “Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos”, Freud reafirma sua hipótese do capítulo 7, segundo a qual todo conteúdo perceptivo seria submetido à elaboração secundária antes de se tornar consciente, o que implica que a excitação proveniente do mundo externo, antes de alcançar o sistema Cc, passaria pelo Prcc. Essa hipótese poderia ser conciliada com a união das duas extremidades do aparelho, se P e Cc não estivessem sendo concebidos como constituindo um único sistema, mas sim como dois sistemas distintos conectados, pois P estaria ligado ao Icc, e o percurso da excitação, no caso das percepções, poderia continuar sendo o mesmo proposto no capítulo 7, isto é: P-Icc-Prcc-Cc. Só que isso seria possível somente se os sistemas P e Cc não estivessem sendo identificados de fato, uma vez que essa identificação implicaria que as percepções se tornassem conscientes imediatamente, sem serem elaboradas. Essas questões permanecem em aberto nos artigos metapsicológicos, uma vez que Freud não se define por uma das duas versões. A partir de 1919, essa questão começa a se definir.

Terceira Fase: A Consciência Perceptiva é Anterior à Memória

Em uma nota agregada em 1919 ao capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”, Freud propõe a união das duas extremidades

do aparelho e a identificação entre os sistemas da consciência e da percepção. Ele afirma: “A posterior ampliação desse esquema de desenvolvimento linear deverá incluir a suposição de que o sistema que segue ao Prcc é aquele ao qual temos que atribuir a consciência, vale dizer, $P = Cc$ ”. (p.517). Nos artigos metapsicológicos, como comentamos, ele não afirma claramente a identificação entre os dois sistemas, como o faz nessa nota de 1919. Em “Além do princípio do prazer” (1920), Freud argumenta que o sistema responsável pela consciência estaria em contato direto com a excitação proveniente do mundo externo, o que sugere que, assim como propôs em 1919, os sistemas P e Cc estejam sendo identificados: tratar-se-ia de um único sistema que receberia a excitação exógena diretamente. Freud formula a hipótese de que o fato de tal sistema permanecer sempre igualmente receptivo – isto é, dele não ser modificado pela excitação que o percorre – talvez decorra justamente da sua localização, do fato dele estar em contato direto com a excitação proveniente do mundo externo:

O sistema Cc se singularizaria, então, pela particularidade de que nele, diferentemente do que ocorre em todos os outros sistemas psíquicos, o processo de excitação não deixa atrás de si uma alteração permanente de seus elementos, mas se esgota, por assim dizer, no fenômeno do tornar-se consciente. Semelhante desvio da regra geral deve ser explicado por um fator que seja exclusivo deste sistema; bem, esse fator, que falta a todos os outros sistemas, poderia ser a situação do sistema Cc que acabamos de expor: seu choque direto com o mundo externo. (Freud 1920, p.235)

De acordo com essa passagem, a excitação exógena alcançaria primeiro o sistema responsável pela consciência e só depois seguiria para os sistemas de memória. Freud afirma que, no sistema Cc, o processo excitatório se tornaria consciente, mas não deixaria como seqüela traços permanentes, os quais se formariam nos sistemas de memória contíguos. Dessa forma, os estímulos

provenientes do mundo externo se tornariam conscientes antes de serem representados: a memória seria posterior à consciência perceptiva.

Na segunda seção do texto “O eu e o isso” (1923), Freud reafirma a hipótese de 1920, de que a consciência estaria na superfície do aparelho psíquico: sobre ela incidiriam diretamente os estímulos provenientes do mundo externo. Nesses dois momentos, portanto, é a hipótese da carta 39 que está sendo adotada. A versão da primeira tópica não volta a ser mencionada.

A identificação entre os sistemas P e Cc, estabelecida por Freud a partir de 1919, tem uma série de implicações para a sua teoria, as quais ele não chegou a desenvolver. Podemos pensar em algumas delas: por exemplo, com essa identificação, estaria sendo abandonada a hipótese de que as percepções só se tornariam conscientes após serem sucessivamente reorganizadas na passagem pelos sistemas de memória – as percepções se tornariam conscientes imediatamente, e a constituição dos traços mnêmicos, assim como o processamento da informação sensorial nela envolvida, passariam a ser posteriores à consciência perceptiva. O fato da consciência perceptiva passar a ser concebida como anterior à memória não implicaria, no entanto, que as percepções conscientes fossem concebidas como cópias ponto por ponto da informação que incidisse sobre a periferia do sistema nervoso. Tendo em vista as hipóteses formuladas por Freud no texto “Sobre a concepção das afasias” (1891), a informação sensorial seria sucessivamente reorganizada ao longo do trajeto da medula ao córtex e, portanto, aquela informação que chegasse ao córtex possuiria uma relação indireta com a que tivesse ingressado na periferia nervosa. A partir disso, podemos pensar que a percepção, mesmo se tornando consciente diretamente, não seria uma cópia exata dos estímulos que chegassem à periferia do sistema nervoso; apenas o processamento psíquico das

percepções não mais antecederia a consciência..

A idéia de que toda percepção sofreria o processo de elaboração secundária antes de se tornar consciente também estaria sendo abandonada, e o processo de elaboração secundária no sonho teria que ser explicado de uma forma diferente: a última etapa do sonho, em sentido progressivo, se tornaria desnecessária e, assim, permaneceria sem explicação a partir de qual processo se daria a elaboração secundária. A segunda etapa do processo de rememoração, tal como este fora explicado no capítulo 7, também estaria sendo descartada. Com isso, tanto o mecanismo de formação dos sonhos como o da rememoração se tornariam menos tortuosos, uma vez que a última etapa de ambos seria desnecessária, mas, como dissemos, a elaboração secundária permaneceria inexplicada.

Considerações Finais:

Encontramos, desde as primeiras especulações de Freud sobre a relação entre a memória, a consciência e a percepção, dois modelos diferentes para pensar essa relação: aquele do “Projeto...”, segundo o qual as excitações externas seriam representadas antes de se tornarem conscientes e, portanto, mesmo a consciência perceptiva seria precedida pela memória; e aquele da carta 39, segundo o qual o sistema responsável pela consciência estaria diretamente ligado ao sistema P, de forma que as percepções se tornariam conscientes imediatamente, antes mesmo de serem representadas, ou seja, um modelo no qual a memória seria posterior à consciência perceptiva. Na teoria do aparelho psíquico elaborada por Freud no capítulo 7 de “A interpretação dos sonhos”, o modelo do “Projeto...” é retomado e desenvolvido. De acordo com as hipóteses sobre a estratificação dos sistemas de memória formuladas por Freud na carta 52 e no capítulo 7, a relação entre os estímulos de origem exógena que alcançassem o sistema P

e aqueles conteúdos que se tornassem conscientes seria ainda mais indireta do que havia sido pensado no “Projeto...”, uma vez que antes de se tornarem conscientes os estímulos perceptivos sofreriam uma série de reorganizações sucessivas de acordo com os vários princípios associativos que regulariam os diferentes sistemas de memória. Esse distanciamento entre a percepção e a consciência desaparece a partir de 1919 com a união das duas extremidades do aparelho psíquico.

A partir dos artigos metapsicológicos, Freud passa a retomar, em alguns momentos, uma hipótese semelhante à da carta 39, de forma que a relação entre a memória, a consciência e a percepção permanece

indefinida: ele oscila constantemente entre os dois modelos nos artigos de 1915. Essa indefinição se dissolve a partir da nota agregada em 1919 ao capítulo 7. A partir de então, é o modelo da carta 39 que passa a ser adotado na teoria do aparelho psíquico; contudo, Freud não extrai as conseqüências desse segundo modelo para a sua teoria sobre o mecanismo de formação dos sonhos, sobre a rememoração e sobre a relação entre a percepção e a representação. A união e identificação entre os dois pólos do aparelho tem como conseqüência várias modificações para a teoria sobre a memória, a percepção e a consciência, as quais Freud não chegou a desenvolver.

Referências Bibliográficas:

- CAROPRESO, Fátima (2003a). “As Origens do Conceito de Inconsciente Psíquico na Teoria Freudiana.” In: *Natureza Humana: Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas* 5 (2): pp. 329-350.
- ____ (2003b). “O Conceito Freudiano de Representação em “Sobre a concepção das afasias”.” In: *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação* 13 (25): pp. 13-26.
- ____ (2005). “A elaboração da Concepção Sistemática do Inconsciente na Primeira Tópica Freudiana”. In: *Fragmentos de Cultura* 15 (6) 2005.
- FREUD, Sigmund (1891) *Zur Auffassung der Aphasien: eine Kritische Studium*. Leipzig: Franz Deuticke, 1891.
- ____ (1895/1950) “Entwurf einer Psychologie”. In: *Gesammelte Werke*. Nachtragsband. Frankfurt: Fischer, pp.387-477, 1987.
- ____ (1896/1950) *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. Frankfurt: Fischer, 1975.
- ____ (1900) “Die Traumdeutung”. In: *Sigmund Freud Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, Band 2, 1982.
- ____ (1915) “Das Unbewusste”. In: *Sigmund Freud Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, Band 3, p.119-162, 1982.
- ____ (1917) “Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre”. In: *Sigmund Freud Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, Band 3, p.175-192, 1982.
- ____ (1920) “Jenseits des Lustprinzips”. In: *Sigmund Freud Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, Band 3, pp.213-272, 1982.
- LAPLANCHE, Jean (1981) *Problemáticas IV O Inconsciente e o Id*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- SIMANKE, Richard T. (2005) Memória, Afeto e Representação: O Lugar do “Projeto...” no Desenvolvimento Inicial da Metapsicologia Freudiana. In: *Revista Olhar*, n.12-13, pp.12-40.

SIMANKE, Richard T. & CAROPRESO, Fátima (2005). O Conceito de Consciência no “Projeto de uma Psicologia” de Freud e suas Implicações Metapsicológicas. In: *Trans/form/ação: Revista de Filosofia/Universidade Estadual Paulista* 28 (1): pp. 85-108.

Notas

¹ O presente artigo é derivado da minha tese de doutorado intitulada “A natureza do psíquico e o sentido da metapsicologia na psicanálise freudiana”. Desejo agradecer ao Prof. Dr. Richard Theisen Simanke pela leitura e comentários desse texto e ao Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani, meu orientador de doutorado e supervisor de pós-doutorado, pela discussão das idéias aqui apresentadas.